

URNA DO TEMPO

(DO ORIGINAL - ESFERAS - DE 1985, encontrado amarelecido, mas vivo,
numa das minhas infinitas gavetas)

SÉRGIO BORJA

PARA LÚCIA

TERRA**Para Marcos Freire**

**Deixa que eu faço
assim mesmo
é pr'a valer
esta terra eu mereço
assim vai ser**

**Pr' a que somar
sem dividir
multiplicar
vamos nutrir**

**Terra boa
água fresca
pra crescer
minha gente
tem direito de viver**

**Vamos unir
ser mais feliz
e repartir
da terra o grão**

Trabalhar sem receber

Não dá mais não

a semente vai nascer

neste torrão

Pr'a que somar

sem dividir

multiplicar

vamos nutrir

Liberdade nesta terra

vai surgir

a verdade tem direito

de existir.

MEU CORPO**Meu corpo****é porto****não existe****sonho torto****Meu corpo****é potro****não existe****sonho morto**

DESENCONTRO

**Eu que amo
o meu desencontro
que é em ti
meu encontro
e teu desencontro**

**Eu que odeio
minha diferença
quando como eu
bebes a diferença
do mundo
igual a mim**

**Eu que amo
meus muitos eus
que sofrem
quando não se encontram
com teus muitos tus**

**Eu te adoro
como me amo**

**Um dia minha posse
criará pontes**

para tuas posses

Conhecemo-nos

alguns eus

e alguns tus

Chegará um dia

que um eu desconhecido meu

não te queimará

e um tu

não me sofrerá

Ah! Desgraçada linearidade

Que roda

sobre esferas

e não é o centro

deste desencontro

que procura

o encontro.

ESTRELA

**Se o mundo
não é
como o queremos**

**Paz amor
menos dor
instigaremos**

**Olha fundo
nos meus olhos
isto explica
a estrela
da manhã
cedo incita**

**Se a estrada
cansou o seu caminho
eu te juro
meu amor
assim vai ser**

**Se o mundo
não é
como o queremos**

**Paz amor
menos dor
instigaremos**

LIBERDADE

Existir

é uma coisa profunda

estar vendo

isso muito ajuda

Pensar fundo

muita gente anda muda

arco-íris

verte cores na luta

A verdade

esperou muito tempo

sociedade

voa teu invento

Liberdade

tá escrito no vento

liberdade

já raiou o teu tempo.

A ROSA VERMELHA

Sentir o que sinto

é o sol

no meu peito

É poder respirar

liberdade

nas veias

Já raiou a alegria

na cidade da gente

É hora

amigos

nós vamos unidos

vermelha é a rosa

nasceu nos lares

e o povo

já marcha

canção nos lábios.

AO SUL

Azul

ao Sul

vou voando

te rever

No céu

a nuvem

o teu corpo

faz-me ver

O sol

desmaia

das alturas

vou descer

Eu voarei

te buscarei

onde estiveres

te amarei

por toda a vida

se quiseres

No céu

meu coração

desesperado

faz voar

este avião.

PARA DRUMOND**Dorme****Drumond****tua paz****seja poema****na cantiga****no caminho****das estrelas****tua paz****seja o verso****calor****abraço do astro****luz do dia****sol****da eterna****poesia.**

REVOLUÇÃO**Noventa e três****degolou gente****vinte e três****não esqueço mais****Um lenço branco****bem chimango****escarceando****um picapau****Lenço vermelho****maragato****Honório Lemos****estava lá****Guerreando e peleando****a voz do povo****tropeou****no Caverá****Em Pedras-Altas****se fez a paz****esta espora****não sangra mais**

fogo de chão
no meu rincão

muita saudade
no coração

Agora vamos
noutra tropeada
fazer a lei
da peonada

Revolução é solução
se ouve o grito
no galpão.

JOÃO BARREIRO

Quem não tem onde morar

Pela vida vai rolar

O governo prometeu

E o sol já se escondeu

Bugiu

Tão longa espera

Vive mal

Quem desespera

Quem não tem

Algum dinheiro

Há de ouvir

Este conselho

Passarinho

João-barreiro

Não precisa

Empreiteiro

Mil-miu

Carqueja

Marcela

Olha o chá

Quanta macega

Que frio

Chinoca me espera

Bóia quente na panela

Gravatá-caraguatá

Muito espinho

Erva daninha

Fui limpar o tafonal

E perdi o meu bernal

Meio dia

Largo a changa

Sesteando

Tiro a lonca

Santa fé

Capim caninha

Pau a pique

Construí

João de Barro

Gente boa

O meu canto

Arremedou

Bugiu

Tão longa espera

Fez o ninho

João-Barreiro

Bugiu

Com palha e terra

Meu ranchinho

Brasileiro.

HERANÇA

Saudade cantada

Da querência amada

Tapera esquecida

Da vida vencida

Cedo na vida

Me vi apartado

Mudando de pasto

Como gado alçado

Mudei de tropilha

Mudei de manilha

A trote a passo

Cruzei muita estrada

Fugindo do estio

Curtindo geada

Campeando invernadas

Poesias sonhadas

Meu campo é canto

Boiada de versos

Estância do Encanto

Foi minha herança

Saudade cantada

Da querência amada

Tapera esquecida

Da vida vencida

Cedo na vida

Me vi apartado

Mudando de pasto

Como gado alçado

Mudei de tropilha

Mudei de manilha

A trote a passo

Solito no mas.

BAR**Bar doce bar****Atroz bar****Osso exposto****Festa viva****Nervo solto****Cadeia****Onde grassa livre****O presidiário****Orgasmo do sonho****A dor****Mata sua sede****Na cor****Dos rótulos****O amor****Se desenha livre****Em baforadas****De paixão****Em circunlóquios**

De solidão

Nuvens

Estratos

De abstração

As mãos

Tilintam vitórias

Procuram

Os copos

E afagam

Derrotas

Bar

Ilha da vida

Que não foi

Do desejo assassinado

No asfalto

Na máquina

Da função humana

Que se esqueceu

De sentir

Bar

Ar

Voar

Solar

Ventilador do dia

Hélice

Da nave da noite

Liquidificador

De cegos

Misturador de egos

Bar da cachaça

Do suor

Que mergulha num liso

Bar do espoucar

Da rica

E gorda felicidade

Que sobe lépida

Ao ar

Borbulhando champanhe

Bar do profundo

Vinho

Velho mago

Que sempre denuncia

O carinho

Um brinde de cerveja

O mundo

Amanhã

Será certeza

Bar

Voar

Ar

Conhaque ardente

Da minha paixão

Licor tenebroso

E rubro

Da minha aflição

Vodca da revolução

Wiskey

Para nossa

Capitalista perdição

Alcool para

Nossa salvação

Tim Tim

Para nossa

Ambigüa escravidão.

VALE

Vale o norte

Vale também

Ter sorte

A vida

É vencer a morte

Nesta estrada

Vale a caminhada

Do forte

Ser minúsculo

É contemplar

A injustiça

Atrofiar o músculo

Ignorar que o sol

Ilumina o justo

A vida namora

Entre a noite

E o dia

Se nutre de alegria

Faz da dor

Mais poesia

Menos chora

Quem mais ama

A humana fantasia

Aprender a ser

Na medida do fazer

Não envaidece o ter

Alegria do mais ser

Vale o feito

Do antes

Pelo mais

Que vem depois

Vale a hora

A caminhada

Da vida é ser agora

Muito antes que depois.

A VEIA QUE ME SANGRA

Trabalhar a palavra

Com o cinzel da paciência

Esculpir a forma do som

E o germen da idéia

Que se embala

E volita

Dentro deste mundo

Ídeo-acústico

Em suma:

A melodia estética

Plena de inteligente

E reticente metáfora

Eis a forma

A fórmula

Do que me dizem

Me querem

Me exigem

Poético

Mas eu não sou pintor

Não sou escultor

Arquiteto de palavras

Não sou artífice

Ou artesão

Embora humano

A veia que me sangra

E derrama poesia

Não é preconcebida

Artificial

É isto sim um manancial

Natural

A veia que me sangra

Corre livre e espontânea

Não tem traço geométrico

Tem ojeriza ao métrico

Quando sangro

Broto veio rico

Turvo enquanto agitado

Cristalino quando sereno

Nada me procede

Nem me concede

Só a palavra livre

Do córrego na natureza

Só o veio limpo

Calmo as vezes agitado

A seca

A enchente

A pouca água

A muita água

Da minha vertente

Serpenteia

Entre a margem

Da leve

Ou atroz existência

Não tenho hora

Momento para correr

Simplesmente sangro

Sulcando margens

Cortando terras

Escrevendo dizendo

De mim

Com a consciência

Plena

Dos muitos

Pingos da chuva

Dos muitos rios

Suas curvas

E do mar

Que há de chegar.

MOENDA

Vai o tempo

E a gravidade dúbia

Nos fatos

E na terra

Chupando a carne

A nos matar

O amor

A estampa do sonho

Estilhaçou-se na ruga

Que emoldura

Nosso olhar

E vamos agora amigos

Sem forças

Sequer para nos odiar

Pois até o ódio

Raiz inversa do querer

Seria a prova

Que ainda existimos

Como um dia

Nos formulamos

?Como podem duas estradas

Perderem-se lado a lado
E seus viajantes
Falarem línguas estranhas
Em busca da miragem
De um sítio
Comum ao destino?

Mói o tempo
A vontade
A moenda
O grão do querer

E o que é o querer
(muito mais que o desejar)
Se não a ilusão
Ou a esperança
Do perfeito

Sabe a razão sua teia
E suas armadilhas
E mesmo assim anseia
Sem lógica e intuitiva

?Que manancial
Fecunda o interesse

Recíproco?

Será que tem sua

Nascente no céu

Ou verte na terra

Ou quiçá é ambos

Chuva e fonte

Simplesmente

Água

Não importando origem

No entanto a fonte

Jorra

E ali está

E um dia

É seca

Unicamente

Para aqueles dois

Viajantes

A fonte do amor

Não é pública

É sigilosa

Como lençol de cama

Como roupa de baixo

Como ducha matutina

Espargindo gotas

Sensuais

Pólem de puro

Amor

Esta sede é exclusiva

Roupa sob medida

Jóia artesanal

Pintura

Poesia inspirada

Beijo único

Promessas de duas bocas

Fraternalmente conhecidas

Irmamentos endoidecidas

No relâmpago

Da sua pura e nua

Recíproca atração

Jorra vertente fendida

Em ganido de mútua

E esganada paixão

Merma o mar

No próprio cansaço

E murmura

Entre os vegetais

E as pedras

Quietas do quarto

Para deleite

E

Ocasião dos amantes

Não há como suprimi-la

É ânsia e queima

Até a satisfação do desejo

Não há como substituí-la

É refrigério

O doce sexo

Que não suprime a sede

Não há insônia dormida

No eco da voz do outro

A comparação é alimento

Do tédio

Ou da fonte

Que secou.

MEU DIABO

Sigo na sina dos avós

Dos bisavós

E de todos os meus avoengos

Sigo na sina do filho

Sobre a colina da dúvida

Sobre o mesmo

Imaginário pico

Onde outrora

Poético demônio

E sublime Deus conversaram

Não sou Deus

Do Verbo

Só tenho a pena

E meu diabo

Não tem chifres

Não tem louros de rei

Nem prodigaliza-me

A fama

Nem a ventura

De pretensas riquezas

Meu diabo é simples

Tão pobre como o tentado

Seu manto

Não tem o luxo do arminho

Seu manto

É de simples algodão

Feito saco

É pano de prato

Sua voz úmida

Cantando

No jorro d'água

Pelo cuidado

Ensaboado

Dos dedos

Murmura silente:

“Amanhã

Se assassinas

Teu altruísmo

Terás ainda

Amanhã

A divina glória

De usares meu manto

Para enchugares

Novamente teu prato”.

GUILDAS

“Honni soit qui mal y pense”

De que adiantam

Estas corporações

De ofício

Estes grupos herméticos

Cheios de autômatos

Miméticos

Com seus interesses

Frenéticos

De que adianta

Fechar

Para o mundo

O postigo

Esquecer a própria vida

Se a estigma

Do umbigo

Não assume este castigo

Não

Não adiantam

Estes dutos

Estes condutos

Estes devidos canais

Obsecados

**Por dividendos e lucros
Com seus conchavos banais**

Não

Não adiantam

Estes antigos padrões

E a soma de todos

Seus cansados chavões

Não

Não adianta

Já ter feito a reunião

E fundado a agremiação

Que criou a abstração

A usurpação

Desta inaceitável

Usucapião

Eu?!

Eu sou neófito

Tenho horror ao estereótipo

Eu?!

Não gosto de associação

São entes sem coração

Carregam sempre nas mãos

Um sujo pistolão

Não

Não adianta

Esta imposição de padrões

Pois não sou continuação

Eu

Sem rei nem lei

Sou a própria mutação.

CANTIGA DE BANHO

Give me

The other face

Now

My love

I listen

All your thinking

About me

Give me

The other face

Now

My life

I need you

Sei que a vida

Vai passar

Passou

Sei que tudo

Vai mudar

Mudou

Não

Não quero

Te perder

Amor

Te quiero querida

Sin tus besos

Já no puedo vivir

Sin tu pelo

Já no puedo

Amar

Give me

The other face

Plus

Amour

Je t'aime

Toujours.

INVENTO

**“o homem mediocre
é aquele que pensa
quando tem de sentir”**

Balzac

Queime-se

Minha razão

Que a nada

Me serve

Na emoção

Desgarre-se a função

Da conduta

E a cadência

Desta besta batuta

A reger o sincopado tédio

Rompa-se meu equilíbrio

E o fogo da intuição

Me descubra mais feliz

Após a tempestade

O sonho existe

Não me venham

Estas vozes

Somar conselhos

Ao cansaço da segurança

Não ouvirei

As histórias

Que a vida

Ensina

Sairei dos trilhos

Não me compraz

Ser tronco

Ou raiz

Quero o fogo

Da cor das flores

E a morte viva

Das sementes

Não me compraz

No momento

Dar sombra

Ou alento

Quero correr ao vento

Que a terra

De outros

Muitos momentos

Me faça sombra

Onde houver relento

Que o vento desse momento

Me desabroche

Ou me afogue

Na luz

Do meu invento.

IDEOMATÉRIA**Ambiência cultural****Pensamento introjetado****Na matéria bruta****Moldando as formas****Da sala ao quarto****Piso-teto-parede****A mente passeou****Seu artifício****Plasmando****Os utensílios****Sozinha e sem compromisso****Praticando seu ofício****Instilando seu feitiço****Minha audição****Telefona****Minha expansão****Minha visão****Televisiona****Minha extensão****A lógica matemática****Fecunda a estática****Termo-pragmática.**

NOVA REPÚBLICA**Minha vida****Um dardo rombudo****Seta de pesadelo****Que mora e se perde****Nos labirintos****Lenta****Muito lenta****Da máquina imensa****Desse moto-eterno-consumo****O opressor****Um dado sortudo****Roleta viciada****Pelos dutos****Conduitos****Esteiras obsecadas****Por dividendos e lucros****Minha falha****Meu defeito****Meu fracasso****Nesta democracia****Não divisam a culpa****Não tem mãe**

Nem pai

Se perdem em pequenas perdas

Na medida

No pouco a pouco

Que me retiram todo o dia

Daí-me um opressor

Um torturador

Para que arque

Com “mea-culpa”

Daí-me um ser

Único

Um ditador responsável

Bode expiatório

De todo o meu mal

Não

Esta felicidade

Me é negada

É hora de destampar

A panela

É hora de roubar

A pressão

Depois de haver

Cozinhado

Em banho Maria

Toda a opressão

Silenciando a vindicação

Com bela Constituição

Eles sabem a medida

Da força

Sabem a medida

Da pouca sopa

Para que a força

Não seja suficientemente

A força da mutação

Da renovação

Da verdadeira revolução

Alteração do real

Dos valores

Que mutam as dores

Em olores e flores

Eles sabem

Do zigue-zague do jogo

Da rotação e da translação

Das regras e leis

Da sístole e da diástole

Sapientes e esclarecidos

São todos os déspotas

No tempo convencionalizado história

Passar o bastão

Ao otário

Já perdida a batalha

Desmoralizar toda oposição

Sobre a insustentável

Ingênua posição

De governar

Sob as mesmas e antigas regras

Mães de toda a aflição

Trocar a Constituição:

Chapéu

Adorno

Penacho da negação

Contida no verdadeiro corpo

Centenário

Ordinário

Da verdadeira opressão

Contida na base

De toda a legislação

Dai-me o mal

Que me causas-te

Daí-me o mal

E a lança

A picana

O laço

Espora

Estilete

A cruz

E o sangue

Que me tiras-te

Difuso em liberdade

Para que cego

Sob as vendas de tua lei

Justifique o retorno

De tua espada e grilhão

Daí-me o vermelho

E o sal

Do meu suor

E a poeira

Que ringe

Ainda nos dentes

Para que me sirvam

De manto e adorno

Coroa

Louro

De minha liberdade de Pirro

De uma vitória

Que nasce

Com sobrenome derrota

Para que eu sucumba

De alegria

Sob a praga e a estigma

Que me legas-te

Quando se perde

A liberdade

E a sua oportunidade

Quando nos roubam

O momento

Quando voltar atrás

E salvar a paz

E sair do caos

Ainda era possível

E depois

Quando não

Há mais tempo

Pois vendida a casa

A roupa

A terra

E o feito

Nos devolvem a liberdade

Quando tudo o resto

Não é mais certo

Quando não há mais tempo

Nem teto

Comida

E barriga

Para embalar o sentido

Da vida gemida

E da saída

Então

Quando o sal

Torrou o chão

Secou a carne

Aqui temos a Liberdade

Liberdade

Agora

Palavra

Vazia ao vento

Ao léu borboleta

Flor

Beija-flor

Passarinho

Coqueiro

Areia e mar

Na tela

O olho é um lobo

Na festa

Da rede Globo

Quando a fome

Resgatável

A doença curável

Já é endêmica

E crônica

Já é lepra

Chaga corroendo

A saciedade

Esta frágil sociedade

Vamos nós

Todos cegos

Crucificados

Com as mãos

E os pés

Nos pregos

Ouvir o brilho

Dos pássaros

E o chilreado

Das estrelas

Loucos e desvairados

Pela eterna

Liberta

Pretensa democracia

Lá vamos todos

Atados

Mergulhar

No abismo

Urdido no alto

Televisionado

Pelo único

Caminho

Que nos oferece

O mesmo travestido

Planalto.

COMETA

Voltar

Pr'a dizer

Que o tempo

É mais longo

Que o nosso tempo

Voltar

Sobre a própria volta

Sem ter

Com quem encontrar

E nos dizer

Ocultamente

Sem riscar o céu

Que nós não temos volta

Dentro do tempo

O ponteiro volta

O cometa volta

A onda volta

Nosso tempo

Não volta

Volta a pessoa

A outra que era aquela

Volta o beijo

Com sabor

De outro jeito

A história do homem

A nossa história

Não volta

Vai este cometa

Ponteiro

Do tempo maior

Rodopiando

Sobre planetas

Sobre o eixo

Desse relógio solar

Como ponteiro

Tonteando o olhar

E o pensar

Que olha

Seu próprio passar

O ponteiro passa

Repassa

Vem e passa

A repetir-se

A vida...

A vida...

A vida olha o ponteiro

E loucamente

Abandona sua cadência

Não obedece a marcha uniforme

Desse lento deslizar

Não veste

Esta roupa matemática

A vida

Anda boêmia

E bêbada

E amanhece

Em ressacas homéricas

Criando regras

Para imitar

O tempo passar

Sai a passear

A vida

Imita o tempo

E como não o vê

Divisa seus sinais

Nestes cometas astrais

E inventa maquinas

Para prender sua sombra

E vai o menino

Tentando prender

Sua sombra

E quanto mais corre

Mais rápido

Ela escapa na frente

Esferas

Rolem sobre esferas

Todas suas quimeras

Passem o tempo rodando

Sobre o tempo

E o vento

Gira a hélice

Cavando o vento

Do tempo

Para não perder

Mais tempo

Gira o ferro

Sobre o dormente

Tic-tac maquinista

Mais fogo seu foguista

Relincha teu pneu

Meu motor

Não te esqueceu

A roda do mar

É poço

No fundo

Tua pesca

É almoço

Não te ouço

Não vejo escorço

Não diviso teu esforço

Ovo

Círculo

Esfera

Engolir o tempo

O movimento

Comer a lenha do mundo

Enfiar tudo

Pelo céu redondo

Da boca

E expelir pelo ânus

A conta

Amor e dor

Dor e amor

Rotor

Motor

Penetrar o oco do amor

Na roda

No frenesi da dor

Amor

O ponteiro masculino

Centelha

Sobre

A fé germina

Roda eixo

Motor amor

Ciranda

Nesta pétala

Em flor

Semente

Se mente

Desmente

Vagido

Do

Tempo

Voltar é estar

Ficar

Se mente

Semente

O tempo é mudo

Ao nosso intento.

FLASH GORDON

Oh! Flash Gordon

Super-herói intergaláctico

Roupagem onírica

Da vontade da potência humana

Retorna do limbo

Da consciência

Como arquétipo da raça

E diga:

Não sou engodo!

Verás que foi

Tudo um sonho

No retorno

Sobre o rastro

Da velocidade da luz

Einstein prova

Que perdeste

O tempo

Retornar sobre o rastro

Da velocidade da luz

É vento que perde o tempo

Relatar a atividade

Relativa idade

Real idade

Realidade?

Ri a idade

Na papila

Da sanidade

Da idade-ida

De Einstein

Flash Gordon

O sonho

Dormita num escaninho

Do tempo

Numa esquina espacial

Onde o movimento

Engoliu

Num horizonte de eventos

Teu

Mundo passado

Pois

O

Tudo

Não está parado

Cindiu-se a matéria

E a roda

Do movimento

Que alimenta o tempo

E gera a anti-matéria

Nós

Hodiernos seres

Do Terceiro Mundo

Teu velho

Mapa astrofísico

Do sistema solar

Retrata no colimador

_após Mercúrio e Marte

A solidão azul

Do terceiro planeta

Tua nave

Rasgando a atmosfera

Tem o fulgor

E a promessa

De um cometa

E no entanto

Ao pousares

No hemisfério sul

Descobrirás o engano

Do tempo:

Este solo

Não é o teu mundo

É o terceiro

Vida real

Do formal

Terceiro mundo

É a anti-matéria da fome

Da miséria

Sustentáculo

Raiz tuberosa

Dos outros dois mundos

Somos a antimatéria

Da matéria plástica

O suco negro

Óleo sujo

Da terra

Que alimenta os outros

Dois belos mundos

Somos insumos

Matérias primas

Fósseis minerais

Combustíveis

Suor trabalho

Sacrifício

Inexistência

Reverso da existência

Dos que existem

Nos

Outros dois mundos

Equador

Misterioso

Submundo

Ecoa a dor

Ao sul

Do mundo

Não somos metafísica

Terceira esfera

Somos a real

Terceira

Anti-matéria

Mater

Madre

Mother

Mãe de Deus

Olhai por nós

Flash Gordon

Desceu

Enganado

Embasbacado

E chocado

Com o movimento

Do tempo

Que não é mais

A Terra seu antigo

Planeta

É um mistério

Trino

Sacrossanto

Santo

É o pranto

“delenda est sycophantas”

Que colocaram a Terra de pé

Sobre o hemisfério

Do Cruzeiro do Sul

Emborcando nossa dignidade

Sofismando que o Universo

Tem cimos

Sobre os limos da Antártida

LUZ

“O olho é o candeeiro do corpo”

Jesus Cristo

Luz

Essência inominável

Do infinito tudo

A brotar

Pela finidade

Do mundo

O arco da chuva

Ritual de luz milenar

Poreja cores

Pelo azul celestial

Luz tecida

No fuso do horizonte

Manto bordado

Com o infinito

Variegado

Das cores

De um brilhante

Parto do singular

Infinito

Vagando em arco

A variedade

De todo o finito

Espectro solar

Unidade

Vertendo

Diversidade

Espectro estelar

Vertendo luz

Das inúmeras

Janelas

Cintilantes

Desses luzeiros

O espectro

Da bruta matéria

Conta a história

De seus elementos

A lente da física

Deslinda a química

No pisca piscar

Argênteo do firmamento

Na fronteira do nada

E do tudo

Do menos ao mais complexo

O inorgânico

In-complexo

Passa ao orgânico complexo

O molecular precede o histológico

E o intermediário vírus

Adeja entre a geopolítica

Do ser e do não ser

A vida como a luz

No cristal das lágrimas

Da chuva

Difraciona sua unidade

Parindo a diversidade

Sistemática ao natural

Sistemas biológicos

Vegetais e animais

Desfilam pelas páginas

E anos da minha vida

E nem assim

Enumerá-los-ia

Infinitude

Espécimes

Arco

Transporta luz

Arca

Transporta vida

Arc

Ar

Transporta

Trans-porta

Trans porta

Porta

Porta da mente

Esquema do espectro

Do pensar da gente

Luta ingente

Da idéia

Para olhar na frente

E moldar a sociedade

Na medida

Da ótica da sua lente

Religião

Religa o olho

Do irmão

Usando a fé

A intuição

Adivinhando a luz eterna

Da nossa santa comunhão

Filosofia

Mais dia menos dia

A luz da tua poesia

Desvendará o que imaginas

Na premonição da luz

Que a vontade racional deseja

Ciência

Quanta fé

Na tua finita

Sapiência

Mais luz

É nossa clemência

Luz afinidade

Da vida

Ambigüidade

Infinita

A brotar da própria mente

Teu horizonte

É análogo

A própria fonte

Fonte

Horizonte

Ponte

Poderei?

Ponte rei

“Phanta rei”

Porta abrirei

Serei?

Rei serei

Sê rei

Serei rei?!!!

A NÓS

A nós

Que é dado

Sobreparar

Sobre píncaros

Se não da

Inteligência

Pelo menos

Da cultura

A nós

Que esgotamos

As formas

As nuances

Das cores

E suas diversas

Modas

Nos sons

Na geometria

E na humana relação

A nós

Que nos abandonamos

Na solução intoxicada

Da decadência

Do pleno conhecimento

No teto dos séculos

Que agora somos

? o que nos resta ?!

Sentir a fuga dos dias

Voltar ao útero

Do que foi

Redescobri Mona Lisa

Numa nova fórmula cubista

Reconhecer a descoberta

Já usual

E redesenhar as imagens

Para gastar o pensamento

Se a imaginação cansou

A nós

?o que resta ?

Sair e voltar

A ser pulmão

E fígado limpo

Abdômen pulsante

Plexo solar volitante

Redescobrir o amor

Noutra fórmula

Com sabor igual e diferente

Ao que nos saciou

E vem e embota no fim

Gerar

No velho apelo bíblico

E guardar com esperança

Que o elo

Seja grandioso

E redima o fracasso

Das gerações

Estamos atolados

A busca da fórmula

Da nova forma

- em nós –

Cansa na aquiescência

Da proteção do ego

(mesmo sabendo que o espírito

Eterno no pensar

Se afoga na morte da carne)

Consciência de impotência

Alcool

Fumo

Maconha

Cocaína

Seria o apelo

Mais fácil

Obliterar a dúvida

E esquecer-se em obrigações

Cotidianas

Zelar sabidamente

Pela manutenção

De um status

Como se a vida

Fosse um jogo infantil

Exuperiano

Em que vence o colecionador

De estrelas

Amar

Agora

É ir ao mar

Navegando

Numa caneca

O altruísmo falece

Na demanda sufocante

Por mil bocas

Nas sinaleiras pedintes

Das ruas

Os braços dos homens

Vestem cores

E se dizem partidos

Mas a boca do lobisomem

Abocanhou as mãos

E os dedos

Este útero já não alimenta

É seco de tanto egoísmo

Enlouquecer !

Sim enlouquecer !

Mas com uma loucura

Mágica e feiticeira

Que saiba livrar das grades físicas

E químicas

Que nos atribua

Ao corpo

A textura da alma

Dar a palavra

E ao feito

A mágica

Da coerência

Para que não

Faleçamos

Segundo a segundo

Mente sã

No corpo são

E conhecermo-nos

A nós mesmos

Amando a si como aos outros

E fortemente aos alheios

Depois de virmos de nós

Oh! Seio de Justiça e Verdade

Oh! Seio de Integridade

Faz com que um simples

Grão de areia

Tenha a si

A total integridade

E cada um de per si

Seja praia

Sol

Para a humanidade.

MARIA FUMAÇA

E eu falava-te

De um novo projeto

E o que era certo

É que não voltava

Sequer um eco

Era uma conversa

De maquinista e foguista

Eu com a cara

Nos trilhos

E teu fogo

Queimando o caminho

Dois surdos maquinais

Juntos

Por que existia

A contingência do caminho

Embora os dois operando

No estrondo do descaminho

Falava para mim

Meio consciente

Que não ouvias

Contente

Que ao apito do trem

Na parada do Sábado ou na estação do Domingo

Chupando bergamota

Certamente me ouvirias

Mas quisera o impossível

Se aos viajantes

A linha é simples translado

A quem fica

O traço

Madeira e ferro

Dormente

Fogo

E faísca

É dor

E tem o seu lado

Maria Fumaça

Tem seu caminho

O

Humano

Bota fogo

No vapor

Que não tem rastro.

QUANDO O HALLEY PASSAR

Inspiras

Sempre um som de ir

E não de ficar

Queria um dia de sol

No teu regaço

Queria continuar

Mas não posso

Amo a mim

Projetado em teu lago

Lindo espelho

Quando te vejo não te conheço

Só faço sempre

Contemplar meus sonhos

Estampados em olhos

Que não me conhecem

Quando vejo

E te enxergo

Desespero

Um cego não pode esperar

Clemência do sol

Ah! Continuar lançando pontes

Ao espaço

Na loucura de cruzar oceanos de ilusões

Queimar o fogo da vida

Por inteiro

E quando restar cinza

Amargar a boca em batom desconhecido

E por que ficar

Não ir?

Será que me engano

Nas linhas

No sopro da boca

E no vento

Que murmura

E nada me diz

Amar a mim em ti

Se me retratas

Só quando sou forte

Quando vou explodindo em ti

E depois simplesmente constatar

Que não me reténs

Não!

Sei que a vida

É fluxo

É mudar

É ir

Vir

Ficar

E mudar

Mas assim mesmo

Queria ser

Algo que fica

Algo que ofusca

Algo que necessita

Como a linha escrita

Que sai como sangue

Quando procuro te sentir

E te auscultar

Irei!

Irei

Irei!

Digo mil vezes

Alto

Para inocular verdade

Para ser ato de coragem

Mas curiosamente

Furiosamente

Continuo em torvelinho

Como escultor

Endoidecido

Tirando do nada

Da frialdade da pedra

Ou do morno que é a vida insonsa

A fúria da vida

Que quer amar

Será que só a alguns

É dado amar neste limite endoidecido?

Será que fui cego

A lágrimas que me perderam?

Será que não ouvi

E não vi

Quem me ansiou com paixão?

Será que amo na contra-mão

Ou em mão-única

Sem possibilidade alguma

De retorno?

Não preconcebo

Dou-me

Palmo a palmo

Desnudado

Aqui estou

Sinto que a solução

Não está em mim

Vou como vaga

No estrondo

Contra rochas

Diga bem alto

Às vagas:

- Não amem!

E se elas ouvirem

No troar da tempestade

Seja ilha

Continente

Terra virgem

Para quiçá um outro

Danado e sonhador aventureiro

Que tenha no olhar

O brilho que trago no peito

Às vezes chego a crer

Que a clava viril

Que usei e uso

Em brincadeiras de guerreiro

Pode ter quebrado o cristal

Que gerava a possibilidade

Do amor que um dia existiu em ti

Ah! Se fosse só o medo
Um fantasma a exorcizar

Sou um lutador
Não tenho medo de amar
Luto tenazmente sem escudo

A dúvida é um círculo de fogo
Na constelação

Na consternação

Desse velho escorpião

Ah! Velho garimpeiro
Afunda-te ao centro da terra
Na escuridão do nada
A buscar estrelas
Que te dêem luz a olhos
Que não merecem mais enxergar

O brilho

O azul do céu

O verde

Que se abrem como promessa

De vida e canto

Digo sempre

Quando longo é o caminho:

- Eu preciso de tempo
Mas sinto desesperança
Os ponteiros do relógio
Pararam no tempo
Que espera o tempo

O amor contempla
O próprio amor
A dar voltas
Por dentro de mim
As mãos vacilam
Minhas pernas ficam
E dançam solitárias
Para dizer-me
Que a vida
Ainda não se distraiu
De mim

Engolfo a vida
E tento unir
Seu fio
Pelo gargalo de uma
Que foi um sonho
Dormido e fermentado
Em velhos barris
De carvalho

Amo compartimentado

A música borbulhante

Das discotecas

Perco o ideal

Fenecido em vozes

Que não me dizem

Em flores

De tabaco

Que se esfuma

Na imagem direta

Do meu sonho

Derrotado

Sinto que o ganho

Não está no espaço

Nem no ricochetear

Desta paixão

Pelos salões

Desta cidade

E o sol deste país

E volta

E frente a frente

Cara a cara

Quero desnudar-me

E vincular-me

Nu

A tua

Nua e dura

Verdade

Diga-me a cruel

Palavra mágica

Temperada com o sal

Da pura verdade

Para que eu ainda possa gargalhar

Quando o Halley passar!